

575
1-32
418

S E R M A M

DA QVINTA DOMINGA

DA Q V A R E S M A

QUE PREGOU NA CAPELLA REAL

O R. P. M. FR. CHRISTOVAM DE FOYOS DA ORDEM DE
*Santo Agostinho, Consultor do Santo Officio, Examinador das
Ordens Militares.*

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

T H E M A.

in dico vobis, quare non creditis mihi? Joann. 8.

s. I.

SE vos digo a verdade, porque me não credes? Diz hoje Christo Jesu verdadeiro Prêgador das verdades, que yxando-se magoadamête da dureza, & rebeldia Judaica; & reprendendo, ou tambem queyxando-se (talvez que com mayor magoa da pouca fé que lhe guardamos os seus fiey. Muyto Altos, & muyto poderosos Principes Senhores nossos. Demaneyra q que temos no Evangelho, & no nosso Thema, hũa reprehensam queyxo- sa, dada pelo Filho de Deos antigamente ao seu ingrato povo, & repetida hoje contra nós. & que nos chamamos seus fiey, não sey se igualmente, ou se maya ainda ingratos. Assim expuseram as palavras do presente texto, ou assim nolas accômodáram grandes Padres: Origines, Santo Agostinho, S. Gregorio, & ou- tros muytos. Esta reprehensam poys, ou esta queyxa, no sentido, ou na parte que nos toca, ha de ser a materia do Sermam. Do qual quise eu nos ficasse hoje por fruyto, não digo o emendarmonos (que não costume de sejar o que sey q não hey de conseguir) mas ao menos o cōvencermonos. Tão poucas sam as esperã- ças que dão de melhoramento os habitos humanos depravados, que pôde hũ Prêgador, ainda dos de grade, & differente espirito, dar-se por muyto satisfey- to, se convencer os entendimentos; posto que não emende nada as vontades. Não pretendo Christãos emendar hoje, não pretendo dobrar vossas vontades. Não me vem ao pensamento, nem por imaginação, que hajaõ de poder as mi- nhas palavras divertirvos de vossos divertimentos. O q tantos Sermoes maya eloquentes, o que tantos Prêgadores de mayor exêplo não fazem, como po-
deria

de eu promettermo? O que intento unicamete, & o que sò hey de tratar de conseguir he que acabe de renderse hoje o nosso entendimento ás verdades de Jesu Christo; & venhamos a entender quanto por nossa culpa, & quanto sem nenhuma razam nos obstinamos, & ensurdecemos em nossos mundanos gostos, em nossos desordenados intentos. O Domingo das Verdades he chamado por Antono nasia este Domingo. Verdadeiramente que quando não fora obrigação nossa prégarvos sempre verdades, que até o titulo do dia cōdenaria hoje o calalas. Eu as não hey de calar: permitta Deos que as sayba dizer. Mas porque o nosso Thema se dirige mais a convencer a rebeldia, q̃ aprovar a verdade, suppondo como infallivel a verdade do Prégador. *Si veritatem dico*, & inquirindo o porque da inflexibilidade dos ouvintes, *Quare non creditis?* faremos por ajustar a este intento o Sermam. Suppondo para isso muytas verdades, que nesta Quaresma tendes ouvido aos Prégadores, mays que bem provadas, & inquirindo especialmente agora os porques, & as razoes de vossa obstinaçam. Onde nascerà, que supposto a Dominga tem o titulo *das Verdades* daremos ao Sermam outro titulo, sem que por isso se encontrem. Serà o *Sermão dos Porques*. E fique advertido daqui o auditorio em tres couzas. A primeyra, que hey de emendar hoje a dilaçam que aqui fiz os dias atraz, porq̃ não hey de exceder da minha hora. Mas messam-ma com consciencia. A segunda, que hoje dia de futilizas, senam de verdades. A cerceyra, que nam esperem verdades politicas, senão só verdades Catholicas. Para as politicas bastelhe todo esse Palacio: estes quatro palmos de Pulpito fizeraõ-se para estroutras verdades. Deos, que aqui nos ajuntou hoje, a tratar, & ouvir sua doutrina, nos illustre os entendimentos, & nos disponha os coraçoes com a sua graça. Roguemos lho assim, mediante a intercessam da Virgem Santissima. AVE MARIA.

Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi.

§. II.

QUE sempre Christo nos diga, & nos ensine verdades, & que o mundo nos engane, & nos diga sempre mintiras; nam he nada de admirar. Isso he ser mundo, ou ser Christo. Mas que sendo isto assim, & conhecendo o nós por tantas experiencias, ainda creamos ao mundo, & não creamos a Christo! Grande razão de queyxa sua, grande força de cegueyra nossa. E que isto assim seja, que grangee em nós mayor credito o mundo com suas mintiras, que Christo com as suas verdades, o nosso thema o suppoem, mas eu o provarey. Porque tudo q̃ a nossa fé, ou a nossa presunção o intente contradizer, que temos que responder a nossas obras? E se (como Santiago ensina) em não havendo obrar bẽ, não ha fé viva, *Fides sine operibus mortua est*; & em nós o obrar mal he tão continuo; bẽ se segue (& ainda mal) a justificada razão, cõ que hoje se queyxa de nós nosso Deos, applicando-nos por bocca de sua Igreja, o que lá em outro tempo ao povo infiel: *Quare non creditis mihi?* Porque me não credes a mim? Senhor, & não vos cre quem vos confessa? Nam: que quem obra mal, não cre bem.

Quiz

Quiz o Demônio que Heva peccasse; & para o cõeguir, tratou de lhe meter na cabeça, que Deos a tinha enganado na prohibiçã do pomo. *Nequaquam moriemini: scit enim Deus quod in quocumque die comederitis ex eo, aperientur oculi vestri, & eritis sicut Dij.* Heva (diz o Demonio) sabey que Deos enganouvos. Prohibiu-vos o pomo, para vos impedir a Divindade. E a que fim, ou para que se empenha tanto o Demonio em persuadir a Heva que Deos a tem enganado, se o seu intento todo se vem sò a resolver em que Heva coma do pomo? Porque para Heva comer do pomo, havia de crer primeyro q Deos a tinha enganado. Como o comer aqui era peccar, entendeu certissimamente o Demonio, que se em Heva não faltasse a fé, não se havia de deliberar em comer. Verdadeiramente Christãos, que devemos de persuadirnos q Deos que nos traz enganados. Devemos de duvidar se ha Juizo, devemos de presumir que não ha Ceo, devemos de imaginar que não ha Inferno: finalmente devemos de crer que não ha outra vida mays que esta, que não ha premio, que não ha castigo, que não ha balança; & nem sey se cremos que ha morte. Segundo o que o Ramos, isto deve ser o que cremos. Ao mesmo passo que Heva foy dando ouvidos à tentação do Demonio, foy faltando na fé de Deos. *De fructu verò ligni (dizia ella) quod est in medio paradisi, praecepit nobis Deus nè comederemus, nè fortè moriamur.* Do fruyto da arvore que está no meyo do paraíso (diz Heva) mandounos Deos que não comemos, porque talvez, se o comermos, que morramos. *Ne fortè moriamur.* Ha tal dizer! Se Deos havia dito, que tanto q comesse daquelle fruyto, havia logo logo de morrer, *In quocumque die comederis morte morieris:* como poem Heva em questãa o haver de morrer, se comesse? Affirma Deos que ha de morrer, comendo, *Morieris;* & Heva diz, que poderá ser! *Nè fortè!* Mas quem assim havia de ser temeraria, assim havia de ser infiel. Duvidou primeyro na fé, para saltar depoy ao preceyto: que não ha desprezar preceytos, sem haver tibeças na fé.

Isto assim supposto, & confirmado, não negareys já, nem podereys negar a justificada razaõ, com que Christo nosso salvador sahe a queyxarse hoje, a vós de sua Igreja, não só de vossos costumes, & suas offensas; mas muyto principalmente de nossa, ou tibia, ou perdida fé: usando para conosco daquellas mesmas palavras, de que usou ja algũ hora contra a perfidia Judaica. *Si veritatẽ dico vobis (exclama poy a Igreja Catholica, em nome de Christo Jesus) si veritatem dico quare non creditis mihi?* Se vos digo a verdade, se vos ensino o caminho da salvacão; & se fóra disto que vos ensino, tudo mays he hũa mera mintira, & hũ continuo engano; *Quare non creditis mihi?* Porque me não credes a mim? Porque continuays em vossos enganos? Porque vos deyxays levar de mentiras? Porque não abris os olhos? Porque não considerays vossos perigos? Porq vos não arrependeys? Porque vos não emendays? Porque não credes? *Quare?* A esta pergunta, ou a esta tão arreoada queyxa de nosso Deos, folgára eu que algũ de vós quizesse hoje responder por mim: ou ao menos, que fossays todos para casa, & que vos pufesseys a cuydar na resposta. Mas como esta casta de conceytos não seja couza, que se costume levar para casa, & né algum de vós me haja

aqui de responder, ficame sendo preciso dar satisfação á pergunta: posto que a não darey nunca á queyxa.

Primeyramente a multidão de culpas, em que cada dia, & cada hora cahimos com tanta facilidade, & que como vos tenho mostrado, argue em nós tão pouca fé; pôde proceder de hum, ou de muytos principios. E reduzindo a hum numero certo, & principal todos os que se me representaõ possiveys; acho em boa Theologia, que poderá ser hum de tres. A saber, Ou malicia da nossa vontade: ou ignorancia do nosso entendimento: ou desamparo de Deos. He a nossa vida, em quanto neste desterro, hũa perenna, & difficiltoza jornada, hum caminho escuro & successivo, que vamos fazendo todos, ou que todos devemos fazer, deste mundo debayxo para aquelle mundo decima. Para que senão erre, ou para que senão impossibilite este caminho, he necessario Deos que alumie; he necessario entendimento, que governe, he necessario vontade, que caminhe. Se Deos não alumia, perde-se a jornada por falta de luz: se o entendimento não governa, perde-se a jornada por falta de guia: se a vontade não caminha, ou se caminha as avessias, perde-se a jornada por falta dos passos. De modo que de qualquer destas tres partes, ou da parte de Deos, ou da parte do entendimento, ou da parte da vontade, se nos pôde occasionar a perdição. Isto assim conhecido & supposto, vamos com o nosso thema por todas estas tres partes, nas quaes se dividirá o Sermam, buscando, & inquirindo a verdadeyra causa dos erros: por ver (quando mays não seja) se podemos achar reposta boa, que sirva de satisfação ao porque do Evangelho, ou inventar algũa, que nos sirva a nós de desculpa. Porque se nós a temos, que nos valha.

§. III.

E Porque não pareça que favorecemos hoje a causa de Deos com algũa desigualdade, seja Deos o primeyro ouvido, & o primeyro perguntado: & da sua razaõ ou semrazaõ vós mesmos sereys os Juizes. Nem pareça novidade, que o soberano, & Omnipotente Senhor do Universo entre hoje com suas mesmas criaturas em juizo contécioso: poys ja pelo Profeta Isaías se offereceu & se convidou elle mesmo para semelhante juizo; a fim de que se averiguasse, & resolvesse, se por culpa sua, ou se só por culpa nossa, acontecia no mundo esta perdição de almas tão lamentavel, criando-as elle a todas, & assistindolhe com tão grande amor: *Nunc ergo habitatores Jerusalem, & viri Iuda judicate inter me & vineam meam. Quid est quod debui ultra facere vinea mea, & non feci ei?* Homens (diz Deos) de vós mesmos faço juizes. Apontayme algũa cousa necessaria em orde a vossa salvaçõ, em que eu faltasse. Assim o disse Deos por Isaías entãõ, & assim nolo esta dizendo hoje. E ja que elle nos dà licença para inquirirmos de sua razaõ, & julgarmos de sua justiça, vamolo fazendo assim; & vejamos se de algũa maneyra està por parte de Deos, ou procede de culpa sua, esta inflexibilidade nossa, esta mays que escandaloso procedimento humano.

E quanto à primeyra vista, parece que não deixaõ de descobriremse indícios, de
que

que Deos nos não ajuda nem assiste com aquella graça, & auxilios, q he ob-
gado a nos dar. E se illo assim he, como parece, legitima desculpa teremos na-
quelle ultimo dia de nossa vida, quando viermos a contas, & grande satisfação
teremos hoje para dar á pergunta do Evangelho. Porque nesta supposição, res-
ponderemos muy bem: Senhor, não fizemos caso de vós, nem de vossa doutrina;
não demos credito a vossas verdades, nem obedecemos a vossos preceytos,
porque vós nos não alumiastes, & porq vós nos desamparastes. Isto he na sup-
posição de que Deos nos falta com os auxilios necessarios. E que estes auxilios
faltarem, parece (como ja dizia) que o podemos provar cõ grandes indícios.
Porque se hum homẽ, de mediano entendimento que seja, se puser a confide-
rar nos desconcertos deste mundo, se levantar hum pouco o pensamento, pon-
do-se como de lugar mays alto, a medir, & notar devagar o que neste mundo
vay; eu tenho por couza sem duvida, que se lhe poderá representar muyto fa-
cilmente, que Deos se tem descuydado da disposiçã, & governo d'elle; como
ja pela mesma causa se lhe representou a alguns Filósofos. E senão dizeyme.
Por ventura o estado, em que hoje vemos aquasi todos os Estados da Christan-
dade, não nos está dando occasiã a presumir, & a recear, que possa proceder de
hum desamparo de Deos, & esse grãdissimo? Não vos parece hum grandissimo
desamparo de Deos aquelle nenhum temor nem limite, com que vemos hoje
ir crece (que podem crescer) as maldades, os insultos, as abominaçoens,
os excessos; o pouco, ou nenhum respeyto ao divino, o estudo & incrível affec-
to no profano; os enganos, as traiçoens, as perfidias; & mil couzas outras, que
eu não posso dizer, nem me convem individuar? Isto tudo, & o mays que isto
tudo, que todos vemos, & todos devemos chorar, não vos está lá no juizo cau-
sando hũa imaginaçã, de que parece que Deos nosso Senhor ha fechado seus
olhos a nossas vidas: como deyxando-nos entre as mesmas escuras trevas de
nossos peccados, por não ver suas offensas, suas afrontas, & suas injurias?

Diz S. Lucas, que aquelles ministros da maldade, que tinhaõ prezo a Christo
em casa do Principe dos Sacerdotes, o começaraõ a afrontar, & injuriar grave-
mente de obras, & de palavras. *Illudebant ei cadentes*. Diz mays, que lhe tapãtam
os olhos, & lhe foraõ dando de bofetadas. *Et velaverunt eum, & percutiebant faciẽ
ejus*. E porque ha Christo de permitir, quando lhe estão dando bofetadas, quã-
do o estão injuriando, & zombando, que lhe tapem os olhos? Ah fiéis: tudo vê
Deos, & nem pôde deyxar de ver tudo. Mas quando as nossas demazias che-
gãõ àquelle extremo, & limite, em que parece que não só cahimos por fracos,
senão que sem pejo nem temor chegamos a zombar do proprio Deos, *Illude-
bant ei*; quando a nossa malicia chega com seus excessos & desacatos a perder to-
do o respeyto ao rosto de Christo Jesus, & a sua divina presença, *Percutiebant
faciem ejus*; corre Deos hũ véo a seus olhos, como que senão atrevesse a vernos
tão atrevidos, *Et volaverunt eum*. E se o retirar de nós os seus olhos, he hũa de-
môstração evidente de nos haver desamparado; como elle mesmo explica pe-
lo Profeta Isaias, *Quum extenderitis manus vestras, ego avertam oculos meos à vobis, vê-*

do nós, & considerando bem o excessivo de nossas maldades, porque não entraremos em pensamentos de que Deos nos tem desamparado?

Porém desta doutrina, que em algum sentido he certa, ou pôde ser por nossos peccados, parece que se nos origina hum argumento bem forçoso, em ordẽ a defender a nossa causa. Porque se Deos nos desampara, ou nos tem desamparado, bem parece que não da nossa parte, senão da sua, está a causa total da nossa ruina. E vamos vendo. Pergunto, ou pergunta hoje Christo, Homens, porque peccays? *Quare?* Respondo. Porque Deos nos não assiste cõ seus auxilios (Indo na supposição em que vamos.) Porque não obrays como deveys? *Quare?* Porque Deos nolo não inspira. Porque cahis com tanta repetição, & tal precipicio? *Quare?* Porq̃ Deos nos não tem mão. Porq̃ vos não levantays depòys de cahidos? *Quare?* Porq̃ Deos nos não ajuda. Porq̃ andays tão cegos, & tão perdidos? *Quare?* Porq̃ Deos nos não alumia. Porq̃ correys a vossa perdição com tão pressa? Porq̃ vos obstinays tão insensiveys? *Quare?* Porq̃ Deos nos desẽpara. Finalmente o desamparo de Deos he todo o porq̃ dos *Porquẽs*, & hũa excellente razão para a nossa descarga: se he q̃ elle he tal, como nos terã parecido atequi.

Christãos, grandissima desgraça fora a nossa, se isto assim fora. Mas não sey se he ainda desgraça mayor, que não sendo nós desamparados de Deos, o pareçamos tanto em nossas obras. E porque he ja tẽpo de acodir pela verdade, & livrar de toda a calunnia a alta & sempre misericordiosa Providencia de nosso Deos, especialmente para conosco, & examinemos bem este ponto; & perceberemos talvez o que Christo nosso Salvador quer que percebamos hoje: que vem a ser o conhecimento de suas verdades, & o desengano de nossos enganos. Vejamos para isso o thema.

Si veritatem dico, quare non creditis? Porque não credes (diz Christo) se vos digo a verdade? Se vòla digo por demonstração, expõem o Cardeal Toledo, *Si dico veritatem cum ipsius veritatis demonstratione*: ou como S. Cypriano verteu, *si veritatem palam dico*, Se vos digo a verdade clara. O grande confusão para nós, Catholicos! De maneyra que faz Christo distincção de verdade a verdade: ou de verdade a verdade clara. *Veritatem palam*. E quanto isto seja para ponderar, ide-o-vẽdo. Sempre Deos fala verdade: mas de dous modos: verdade clara, & verdade escura. A os Judeos ingratos falou Deos a verdade clara, porque lhe declarou o seu Testamento & os seus preceytos. Assim tambem a nos os Christãos. Senão que com excesso & ventagem de nossa fortuna, nos falou & nos fala Deos cõ a clareza do meyo dia; que assim chamou o Profeta Isaías a o Testamento Novo. De sorte que aos Hebreos, & ao povo Christão com excesso a elles, falou Deos a verdade clara. Não assim ás outras gentes. Não assim aos Turcos, não assim aos Gentios, não assim a tanto mundo, quanto está vivendo em trevas; & a quem Deos, posto que lhe diga verdades, lhas está dizendo menos claras, ou mais escuras.

Diz pòys no presente texto nosso Deos. *Si veritatem palam dico, quare non creditis mihi?* Que vem a valer o mesmo, que se dissera. Povo meu, a quem principalmente

palmente escolhi, & por quem especialmente desci do Ceo a este mudo: Que os Mouros, que os Turcos, que os Scitas, os Barbaros, os Gentios, se resolvessem a me desprezar; que me não amem, que me offendão, que virão como quem são; desgraça he, & cegueyra sua: porém descontentar-se he ha ao dar das contas, que não ouvirão a verdade clara. Mas vós! Vós, que soys criados & doutrinados ao baço da minha Igreja! Vós, a quem tão patently entreguey os meus segredos, os meus preceytos, a minha fé, as minhas verdades! *Veritate palam!* Que não me valesse tanto, para deyxar de me ver tão offendido! Que não bastem tantos favores, para vos exprimentar menos ingratos! Mas apartemos may esta verdade Catholica, para nossa consulaõ; & vejamos o que Deos era obrigado a nos dar, & o que nos deu.

O que Deos nosso Senhor era obrigado a nos dar (em todo rigor falando) vem a ser o que vos direy. Em primeyro lugar he Deos nosso Senhor obrigado a dar a todos nós, & a qualquer homem, hum sufficiente conhecimento de que ha Deos, & de q̃ ha ley de Deos. Em segundo lugar, he obrigado tãbem a cõcorrer para todos com sufficientes auxilios & inspiraçoens para que se quiserẽ, possaõ satisfazer à sua ley, & veneralo como a Senhor. Eysaqui ao que Deos está obrigado, & a nada may. Isto faz ao Turco, ao Mouro, ao Judeu, ao Idolatra, a todos. E a nós? O, quem me dera agora o espirito que me falta! porque se me representa se o tivera, que vos havia de confundir. Ide porém ouvindo com attençaõ: & baste a força da verdade, & a graveza da materia, para que fique quem supridos os defeytos do Prégador.

De maneyra que sendo Deos sòmente obrigado a nos assistir, & a se nos dar a conhecer da sorte que vos expliquey; podendo (sem nos fazer injustiça) deixarnos lá nascer na Turquia, nos interiores da Asia, na barbaria da Affrica, ou da America; podendo (licitamente) dispor que nos criassemos & doutrinassemos entre mil tontisses de Rabinos, entre feytas venenosas de Herejes, bebendo cõ o leyte entranhado na alma a affeição a seus erros, difficultosa por esta causa de se vir algum hora a perder; podendo (digo) ordenar a soberana providência, sem nisso nos fazer agravo ou semrazão que fosse o nosso nascimento, a nossa criação, & os nossos auxilios, assim como são os auxilios, a criação, & o nascimento de tantos; foy tal, & tão liberalmente abundante para conosco a sua misericordia, que nos poz em Portugal. Em Portugal onde a Verdade Catholica, & o espelho puro da fé desde que se conheceu atequi, não admittiu o menor argueyro. Em Portugal; onde sempre foy a virtude o mayor timbre do valor, & o melhor braço da Nobreza. Em Portugal; onde (quando Deos queria) eraõ tantas as casas de exemplo, como agora as de prazer. Em Portugal; onde com admiração da modestia, mal se achava differença (mas por diverso modo d'agora) entre o Ecclesiastico & o Secular, entre o religioso & o profano. Em Portugal; donde os Estrangeiros levavam sempre para suas patrias, não tantas drogas como hoje, mas melhores exemplos que agora: empenhando-se may os nossos Mayores nas materias da admiração, que nas conveniencias do trato.

o. Em Portugal finalmente; onde além de tantos documentos passados, que podem ser auxilios efficacissimos para agora, temos ainda hoje, ou hoje mais que em nenhum tempo, tantos & tão continuos os Mestres, os Doutores, os Pregadores, os Sacerdotes, as clausuras, os Divinos officios, as ceremonias, os sacrificios, os Sacramentos; & tudo o mais que pertence assim ao conhecimento, & veneração do verdadeiro Deos, como ao nosso remedio com tanta felicidade & frequencia, que podem ter que nos invejar, não digo já os Reynos infieys, mas ainda os mais Catholicos.

Isso assim considerado & conhecido, como verdade tam patente, vede vós agora, & dizeyme, se temos ou podemos ter accam de queyxa. E acabareys de alcançar a razam tam justificada, cõ que a infinita paciencia de nollo bõ Deos como vencida já de nossas ingraticoes, sahe hoje com a nossa obstinacão a perguntas; pedindo nos (se nam por esperar de nós emenda, por justificar-se a si) a razão, ou a causa que temos, para lhe fugir, & desprezalo. *Quare non creditis mihi?* Dayme cá homens a razam, porque vos resolveys em deyxarme; ou porque fiays mais do mundo, que de mi n. *Quid invenerunt patres vestri in me iniquitatis, quia elongaverunt à me.* Que maldade, que disfavor, que sem razam acharam em mim os vossos antepassados, ou vós outros algum hora, para assim me ver deyxado? Se vos ensino a verdade *si veritatem dico vobis*; se a vós a commun-uey tão declarada, *veritatem palam*; se vola tenho provado com tantos sinais; se vola estou persuadindo com tantos auxilios; & se faço da minha parte, não só o a que estou obrigado, mas tanto mais do que devo: porque vos hey de ver tam perdidos, & tão perdido o que custastes? *Quare?* Porque? Se achays em vossa consciencia, que vos estou a dever alguma couza, recenseemos as cõtas? *Quid ultra debui facere?* Que couza he essa, que vos devia fazer, & não fiz? Mas ah meu Deos: & quem poderá acusar vosso procedimento justissimo, ou descobrir o menor defeito em vossas misericordias? Nossa, Senhor, he a culpa toda, nossa he a malicia, nossos são os defeitos, nossas são sómente as faltas. Assim o cremos: assim o confessamos, se esta confissam he bastante, para se saber de certo a verdadeyra causa de nossos delittos; nam nos pergunteys Senhor maes porques. Porque somos ingratos, & porque somos perversos, eyahi o porque peccamos. Mas porque a queyxa hoje de Christo, & o porque do Evangelho mostra estarnos pedindo outra mais individual, & mais determinada resposta, vamos proseguindo, & busca do. 2.

§. IV.

Temos visto, que não està da parte de Deos a causa de nossos peccados por nenhum titulo. Donde consequentemente se segue, q ou na nossa vontade, ou no nosso entendimento (como ao principio explicamos) ou em ambos juntamente ha de cahir a culpa toda. E quanto ao que se representa, parece ser o nosso entendimento o culpado principal. Vejamos o thema. *Si veritatem dico, quare non creditis?* Se vos digo verdade (diz Christo) porque não credes? De maneira que nos dá em culpa o Senhor a falta ou defeito da fé, que pertence ao enten-

entendimento;fazendo-nos juntamente cargo de nos dizer a verdade, que objecto do entendimento tambem, & só lhe toca. Donde parece que se pôde inferir, que não da nossa vontade, mas do nosso entendimento se nos origina o danno todo. Assim parece: & ao menos em grande parte, assim he. Porque se hũ homem entrara em si, se começara a abrir os olhos, & se tivera ou soubera ter juizo para medir bem & ponderar os cotidianos perigos de sua vida, os enredos de sua consciencia, as contingencias da salvaçam, a infallibilidade do castigo: se tivera em tantos annos hũa sò hora q fosse, de verdadeyro & efficaz conhecimento de si, & de suas acçoens; he sem duvida, que logo em sua vida se haviam de enxergar as mudanças. Os exemplos sam aqui a melhor prova. E sejam de Principes, que sam os mays efficazes.

Peccou Cahim, Principe morgado do mundo, tirando a vida a seu irmaõ mays moço Abel. Peccou David Principe de Israel, tirando tambem a vida a seu muyto leal vassalo Urias; & com circumstancias, que afeam gravemente o delitto. Nam quero comparar o peccado de hum com o peccado do outro: mas o que he certo, que ambos foram homicidios, ambos gravissimos, & dos mays escandalosos que ha visto o mundo. He poys muyto digno de reparo, & ainda de admiracão o diversissimo fim destes Principes. David emadado, Cahim obstinado: David penitente, Cahim fugitivo: David perdoado, Cahim amaldiçoado: David santo, Cahim prescito: David no Ceo, Cahim no Inferno. Valha-me. Deos E donde a David a emenda, donde a obstinaçam a Cahim. Donde a David a ventura, donde a Cahim a mofina? Eu o direy. David cahiu como homem mas soube considerar como homem. Cahim pelo contrario. Cahim cahiu como bruto, & ouvele depoy como bruto. O cahir (absolutamete falando) he dos homens, porque somos terra: o nam considerar a queda, né antes né depoy de dada, he de brutos que não tem juizo. Vede agora a Cahim em tudo bruto; & vede a David em tudo homem. Cahe David: mas como homem por hũa inconsideraçã casual: *Accidit ut surgeret David, viditque mulierem*. Vede-o porrem logo considerando na queda como homem: *Peccatum meum contra me est semper*. Tenho sempre de frente de mim o meu peccado (dizia David): sempre o trago diante dos olhos. *Contra me*. E tanto nos olhos o trouxe sempre, que ja mays em quanto viveu, se lhe enxugaram os olhos. *Lacrymas meis stratum meum rigabam: Potum meum cum fletu miscebam*. Eysaqui David, como homem, peccador; & Eysaqui David peccador, mas como homem racional. Porque se se perturbou, se errou, foy hum acaso; *Accidit*: E para considerar & remediar esse acaso; achou que era necessario hum sempre; *Contra me est semper*. A queda foy hu repente as lagrimas; & a consideraçã toda a vida. Pelo contrario Cahim. Cahiu & nam considerou. Bruto no que fez, mays bruto no que deyxou de fazer bruto d' antes, & pior que bruto depoy.

Quando Cahim andava na tentaçã, disse lhe Deos desta sorte. *Cum concideris facies tua?* E depoy da execuçã, depoy de tirar a vida a Abel, perguntandolhe *Deos por elle, Ubi est Abel frater tuus?* respondeu Cahim, que nam sabia: *Nescio*.

emõs aqui em Cahim huma cõuza que notar, & outra em Deos. Em Deos, o dizer a Cahim, que o rosto lhe tinha cahido, *Concidit facies tua*, modo de falar tam exquisito. Em Cahim, o dizer a Deos, que nam sabia de seu iramam *Nescio?* tendolhe tirado a vida na quella hora. Mas vede aqui a Cahim em tudo bruto; & alcançareys a causa de sua obstinaçã, & das vossar. Tam bruto em seus intentos, antes da execuçã, que aos olhos de Deos nem feyçoens tinha ja de homem: *Concidit facies tua*. E tam bruto em sua obstinaçã, depòys de executada a maldade, que elle proprio confessou de si a bruteza: *Nescio*. Estou necio. Ah necio! Mas necio, & como bruto te relolveste, necio, & como bruto executaste; mays que necio, & mays que bruto te obstinaste: como bruto, & como necio te condemnarã, *Vagus & peragus eris*; como bruto, & como fera te julgarã: *Omnis qui viderit me, accidet me*. Perdeu-se Cahim, ó fieys, assim como se perdem sèpre os perdidos: por necio: *Nescio*. A nossa ignorãcia he a nossa perdiçã.

Mas não deyxemos ainda a Cahim, poys Deos ainda o não deyxã. Vé Deos a barbara insolencia de Cahim; & doendolhe altamente, não tanto a morte do innocente, quanto a desgraça do culpado (que sempre os Cahins são mays para ser chorados, que os Abeys;) desce do Ceo, por ver se com sua misericordia, ou senão, com sua justiça pòde dar juizo a Cahim; diz-lhe assim. *Quid fecisti?* Cahim, que fizeste? E poys Senhor, nam sabeys vós muyto bem o que tem feyto Cahim? E como sabe! Poys se Deos sabe, porque pergunta? Pergunta Deos, para que Cahim se lembre, para que conheça & considere Cahim. Com seu pay delle havia Deos usado o mesmo: *Ubi es Adam?* Onde estãs Adam? Parecem perguntas, & sã advertencias. Adam entendeu a advertencia, & reduziu-se. Remediu advertido o que tinha estragado ignorante. Cahim nê advertido advertiu, nam amoeitado abriu os olhos: ignorante peccando, ignorante de antes, ignorante depòys, ignorante sèpre: & là vay.

Daqui se colhem duas verdades, ambas certas, ambas infalliveys. A primey-
ra he, que quem tem a alma de Cahim, pecca, & nam cuyda nisso. A segunda
he, que se cuydãra, nam se perdẽra. O, & quam certo isto he! Sabeys Christãos,
porque peccamos tam continuadamente, & com tanto desafogo? Porque não
cuydamos, Sabeys porque depòys de cahidos nos nam erguemos? Sabeys por-
que vamos andando com tanto socego & paz de alma direytos ao precipicio
ultimo? Porq não cuydamos. O delcuydos, & o cuidados! E vendo hoje nosso
Deos q de nossas incõsideraçõs nascẽ os nossos desatinos; vêdo q de não abri-
mos os olhos para pellar suas offensas, procedẽ as suas offensas: & vêdo ultima-
mente, que para nos podermos remediar & salvar, nos deu juizo bastante, nos
deu ditames, nos deu razam, nos deu conhecimento, nos deu se, nos deu pre-
ceytos nos deu caminho, nos deu luz, & nos deu o sangue; Que mays quereys?
nos diz hoje. *Quare non creditis mihi?* Que razam tendes homens, para me deyx-
ar.

DO que está ditto se infere, ou parece inferirse, que o nosso entendimen-
to he o unico culpado em nossas desordens: & consequentemête, que te-
mos achado resposta ao *porque* do Evangelho. Peccamos, porque nam sabemos;
ou porque nam sabemos saber! Mas nam he ainda isto. Nam peccamos Chris-
taõs, por nam sabermos saber: peccamos, porque nam queremos saber.
Isto he. A nossa vontade he a causa, ou a causadora da perdiçam; & de quem
principalmête se queyxa hoje, & vivirá queyxoso sempre nosso Deos. Do nos-
so mesmo thema se colhe. Porque aquelle. *Non creditis* val o mesmo que *Non vultis*
credere, Nam quereys crer. E assim o verreu Santo Isidoro. E he o sentido pro-
prio & expresso: porque contra as vontades dos Judeos, & nellas contra as d.
todos os homens (como diz Origenes) arguia & argumentava hoje Christo o
Mostra-se isto com evidencia no mesmo capitulo oytavo de S. Joaõ, que he o
nosso Evangelho: onde o Senhor diz assim. *Quare loquelam meam non cognoscitis?*
Porque nam conheceys as minhas palavras? E acresceta logo, como mostrâdo
a causa do desconhecimento & ignorancia dos Judeos: *Vos ex patre Diabolo estis,*
& desideria patris vestri vultis facere. Vds soys filhos do Diabo, & querey s só o
que elle quer. Demaneyra que ainda o crer, o conhecer, o entender, & es de-
maes operaçoens, que de sua natureza são proprias do entendimento, não as
regula, não as domina tanto o mesmo entendimento, como as domina & re-
gula o senhorio da nossa vontade. Não vem a ser o nosso entender, & o nosso
não entender, mais que o nosso querer, ou o nosso não querer: *Vultis Non vul-*
tis. Vultis facere: Non vultis credere. Desorte que entendemos o que queremos, &
como queremos; & o que não queremos, nunca o entendemos: não ha enten-
der sem querer; ou querer, que não leve logo apoz si o entender. Antes de vos
mostrar os meus textos, vamos aos vossos.

Os Conselhos & os Tribunaes ja sabeys que se instituíram, para que nel-
les se decretasse o que fosse mais acertado, & como tal julgado, ou pela intel-
ligencia dos textos na Relação; ou pelo entendimento dos Conselheyros no
Ultramarino v.g. ou no de Guerra. Daqui vem, que não dizemos, nem de-
vemos dizer, Foy vontade de tal Desembargador, que se enforcasse o ladão;
ou Foy gosto de tal Conselheyro, que se tratasse da restauração da India (po-
nho isto por exemplo:) senão, Foy voto de tal Desembargador, que o ladão
devia ser enforcado; Foy parecer de tal Conselheyro, que a India se devia res-
taurar. Demaneyra que não explicaremos bem as determinações dos Con-
selhos, ou Tribunaes, se lhe dermos nome de arbitrios: porque ali não obra (que-
ro dizer) deve não obrar a vontade. Explicarnos hemos bem, & assim de fac-
to nos explicamos, dandolhe nome de votos: porque votar he entender, ou
he dizer o que se entende. Ora bem, Supponhamonos agora: Conselhey-
ros? He muyto. Nam nos mettamos nisso. Desembargadores: tambem nam.
Podem-se picar, ou darse por picados muy facilmente. Não. Os Ecclesiasti-
cos somos mais soffridos: & não quero que digaes, que me lanço de fóra. Sup-
ponhamo-

põhamõs frades, ou clerigos: frades em Capitulo, ou clerigo em Cabido. Isto he touza supposta, seja o Cabido lá de fóra do Reyno. Votemos. Primeyramente, Eu voto no meu parcial. Tá, que... Não ha que tratar: Voto no meu parcial. E vòs lá no Cabido onde agora vos constituhi, em quem votays? Eu o direy sem que mo digaõ. Vòs votays no vosso parente: aquelle vota no seu Capellaõ: este no seu pajem: aquelle no que lhe deu: aquelloutro no que espera que lhe ha de dar: & sic de ceteris. E temos votado todos. E qu'he do juizo? (da consciencia não trattemos nós, que dislo não se trata.) Mas que he o que fez aqui nestas eleyçoens o miseravel, o pobre do entendimento desgraçado; que melhor lhe fora nam ter nascido? (como lá disse Christo de Judas, por vender huma só vez a verdade.) Entendeu por ventura, que está bem dado aquelle officio, aquella dignidade, aquella Igreja? Entendeu, que estão bem desparadas aquellas ovelhas, & bem proporcionado aquelle pastor? Sim: porque ainda que o meu amigo, ou o meu criado não presta, eu quero que elle que tenha: & como quero que tenha, logo me parece que presta. He universalmente certa esta doutrina: entendermos o que queremos, ainda que o nam haja no mundo: nam entendermos o que nam qneremos, ainda que esteja mays claro que o Sol. Provâmos a primeyra parte com exemplo, provemos agora esta segunda com o texto: & seja hum lugar achado mas com ponderação exquisita.

Conversavaõ os Discipulos hum dia em Galilea (diz S. Mattheus;) & disse-lhe o Senhor estas palavras. Discipulos meus, o Filho do homem ha de ser entregue nas mãos dos homens: & os homens haõ de mata-lo: & elle ha de resurgir ao terceyro dia. *Conversantibus autem illis in Galilea, dixit illis Iesus: Filius hominis tradendus est in manus hominum: & occident eum; & tertia die resurget.* E acrescenta logo o Evangelista, que os Discipulos se entristeceram com vehemência, & *contristati sunt vehementer.* E não diz mays. Vay S. Lucas no capitulo 9. contando o mesmo successo; & diz que nenhum dos Discipulos entendéra o que o Senhor lhe dizia, nem por sombras. *At illi ignorabant verbum istud, & erat velatum ante eos, ut non sentirent illud.* Difficulto assim. Nam diz S. Mattheus, que todos os Discipulos se entristeceram gravissimamente de ouvir semelhantes palavras a Christo? Como logo diz S. Lucas, que nenhum delles as entendeu? Ninguê sente o que não conhece, como também não pôde deyxar de conhecer o que sente, poys que o sente. Se poys sentiaõ tanto os Discipulos, *Contristati sunt vehementer;* como diz o Evangelista, que não conheciaõ nada? *Ignorabant verbum istud.* Mas ò que o não entendéraõ, pela mesma razaõ que o sentiaõ. O que não he do nosso gosto, se chegou de algum modo a entendenderse, he como senão se entendéra. *Contristati sunt vehementer. Ignorabant verbum istud.* Sabey's por onde isto * se meneia? Por * aqui.

* Cabeça
* Cora-
ção

Ahuc multa habeo vobis dicere... Quum venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem, disse Christo despedindo-se de seus Discipulos. Discipulos meus, muy to tinha ainda que dizervos: mas o Espiito Santo, que ha de vir, vos ensinará

narà toda a verdade. E porquê ha de reservar Christo pãrã a vinda do Espírito Santo o muyto que tem que dizer a seus Discipulos? E difficulto assim. O que Christo aqui reserva, he ensinar-lhe verdades: *Docebit vos omnem veritatem*. Poys se a verdade, pela razã de verdade, he objecto do entendimento; & pela razã de ensinada, sò ao entendimento pertence; parece que tocava o dizelas, naõ tão to ao Espírito Santo, q̃ he Amor, quanto ao mesmo Christo, que he Verbo. O Amor ensina muyto embora a amar: o Verbo, a sabedoria ha de ensinar a entender. O Amor affeyçoe os coraçõs, dobre as vôtades: mas reduzir entendimentos, que tem que fazer com o Amor? Poys logo, porque ha de cõmetter Christo à Pessoa do Espírito-Santo, o que tanto lhe pertence a si? Eu volo direy. Porque viu Christo a nossa condiçã, & quiz lograr o seu fim. Quiz ensinar-nos & persuadirnos bem as verdades de sua doutrina; viu que o nosso entendimento sò o que he nosso gosto aprende bem: que faz? Tratta de affeyçoarnos o gosto, por meyo do Espírito Santo, para que assim com effeyto aprendesemos sua doutrina. O Divino Espírito tem por especialidade sua falarnos às nossas vontades, & naõ sò isso (diz S. Basilio) mas escrever nos nossos coraçõs: *Inscribit autem nobis spiritus-Sanctus non in tabulis lapideis sed tabulis cordis nostri carneis*. Desorte que tem virtude especial aquelle Divino Espírito, para imprimir tudo o que quer em nossos mesmos carnaes & mundanos coraçõs, *In tabulis cordis nostri carneis*. Ey sahi poys a razã, porque Christo fiou may s do Espírito-Santo a persuazaõ de suas verdades, do que a fiou de si. O entendimento dos homens (diz Christo) naõ se move senã pela vontade: poys fale-lhe o Espírito Santo á vontade, para que eu assim lhe renda o entendimento.

Oh, & quanto à custa de sua opiniaõ, com quanto dispendio de seu credito, & de sua honra, experimentou o Filho de Deos no dia de hoje a cegueyra do humano entendimento pela malicia da vontade humana! Foy hoje o primeyro dia, em que prevalecendo o odio & a inveja contra a Divina Verdade humanada, largou a dissimulaçã Farizaica o véo de seus coraçõs peçonhêtos; atrevendo-se a descompor & afrontar publicamente a Sagrada innocencia de nosso Redemtor, com opprobrios & calumnias, quaes nenhum malfeytor ouvia jamais. Ah meu Deos! E se contra vossa honra teve linguas a inveja, se contra vossa innocencia teve a malicia forças, & a falsidade artificios, que innocencia, ou que honra poderá viver neste mundo? Huns lhe chamavaõ embusteyro, outros o appellidavaõ enganador: este o blasfemava de feyticeyro, aquelle de Samari tano, de falso, de endemoninhado. Homens, & isto vos diz o juizo? Isso vos persuade o que vedes? Quem lança fora Demonios, pôde ser endemoninhado? Quem resuscita mortos, he feyticeyro? Quem prêga penitencias, & faz o que prêga, he enganador? Dizvos isso, ou pode volo dizer o juizo? Sim: porque lho dittava assim a vontade. Eraõ os dittames, como os affectos: porque quaes sam os nossos affectos, taes sam os nossos dittames.

De toda esta doutrina vimos finalmente a concluir & a convencer a causa toda & o total principio de nossa perdiçã & ruina. E isto supposto, se a vossa

queyxa, meu Deos, fica sem satisfação; ao menos a vossa pergunta já não ficará sem resposta. Porque razão vos offendiamos, porque causa vos desprezavamos, foy hoje a vossa pergunta: já está conhecida & convencida a verdade. E para resposta baste. Porém meu Deos, se para confusão da minha alma & de meus atrevimentos, me mandays may's exprefamente responder, Senhor, ainda que tremendo, respondo. Offendo-vos, porque quero; porque he meu gosto. Nam vos obedeço, porque não he meu gosto, nem quero. E ey fahi Chriftãos, a triste resposta: mas a unica que temos.

§. VI.

E Poys isto affim he, Senhor, que nos resta may's que confellar de plano, que estamos reos sem defenfa, esperando vossa misericordia com temeridade, & dezaafiado vossa justiça com o merecimento. Confellamos que nos não faltastes, nem nos faltays com superabundantes beneficios, com excessivos favores, auxilios & inspiraçoens com ajudas, com esperas, com a diffimulação, cō o soffrimento Confellamos que da vossa parte o tendes feyto com nosco, como bom pay de piedade, & may's que pay; ja ensinando com a brandura, ja reprimindo com a severidade; ja estendendo a mam para o castigo, ja tornando a recolhela por comiferação, ja excitando-nos para que acordemos, ja ferindo-nos porque não acordamos: buscando-nos offendido; & tornando-nos a conquistar, depoy's de mil vezes deyxado. Confellamos que sem embargo de tudo isto, & como se o não conhecemos, nem vos conhecemos, vamos seguindo por nosso gosto os descaminhos de nossa perdição, contra nós mesmos & contra vós obftinados. Confellamos que só a immensidade de vossa misericordia nos pudera ter soffrido & supportado tãtas desordens. Tudo isto confellamos, tudo isto conhecemos, tudo isto vemos: & nada d'isto nos muda, nada d'isto nos emenda, nada d'isto nos aproveytou ate agora; & ainda mal que nada d'isto nos melhorará daqui pordiante.

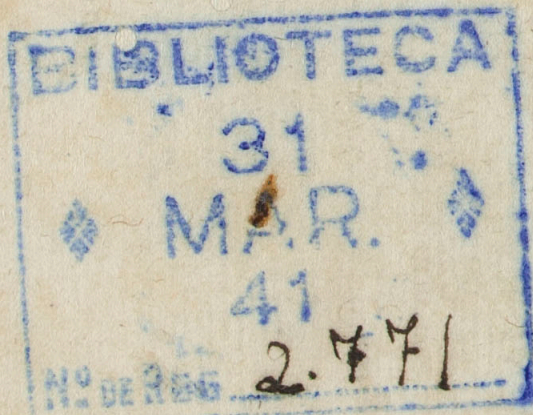
Por isso eu dizia no principio, que convenceria facilmente hoje os vossos entendimentos; porque entender & assentir a verdades tam demonstrativas, tam claras, he cousa muy facil: mas que não havia de convencer as vossas vontades; porque desvialas de seus descaminhos, he muyto difficil. E ainda digo may's. (O dia he de dizer verdades.) Presumo & digo, que se aqui neste lugar, onde eu estou tam indignamēte, estivera agora S. Paulo, ou Santo Agostinho, cada hum delles com o seu exemplo, com as suas virtudes, com o seu espirito; & com a sua ciencia; que tanto fruyto fizera em nós tudo isto, como eu farey com a minha rudeza; & com os meus defeytos. S. Paulo havia de prégar, como elle diz que se pregue, & como sempre prégo. Havia de prégar largo, porque era copioso & efficaç; & a efficacia depende de disposiçam larga: havia de prégar verdades, sem affectaçam nem circumloquios: havia de curar may's do fruyto, & menos das flores. Eys ja S. Paulo sem fruyto, porque sem ouvintes. Venha S. Agostinho. Santo Agostinho havia tambem de prégar do modo que sempre

sempre prégou. E se elle quando prégava, sendo em tempos tanto menos de-
pravados, entendia já então o pouco fruyto, que os seus Sermoens faziaõ; poys
disso se queyxa varias vezes, & may's principalmente na sua Cidade de Deos;
que fruyto vos parece que poderíamos esperar de seus Sermoens, se elle agora
prégara nesta idade nossa? Poys Padre (direys,) baldados logo & desnecessarios
são os Sermoens. Respondo. Não vi coula may's usada, nem may's escusada nes-
tes tempos; se attentarmos sómente ao fruyto das almas: que he o intento pri-
meyro & principal da Igreja. Porém se attentarmos outro fim, não menos
urgente, necessarissimos são os Sermoens (Os que o são.) E que fim? Não se y
se folgareys de ouvir. Dous fins teve o Espirito-Santo, para instituir Sermoens
na synagoga, & na Igreja. O primeyro fim foy a emenda & redução dos máos;
o segundo fim, a justificação de Deos; para ficar em tudo & por tudo justifica-
do. Haja Sermão, & haja doutrina (diz Deos:) em primeyro lugar, para que
ouçam, & se emendem: em segundo lugar, para que senão se emendarem, não
possão allegar que não ouvirão. Tão justificada como isto quero a minha justi-
ça até o cabo. Assim expressamente meu grande Padre. *Salus quibusdam ad pre-
mium, quibusdam ad judicium predicatur.* Aos que se aproveytarem, serve he o Ser-
mão para o premio: aos que se obstinarem, serve he o Sermão para o Juizo. O,
abramos o nosso juizo hoje, que chega aquelle Juizo á manhã. Vejamos, q
se das verdades Cathólicas, que temos aqui ouvido, nos não aproveytarmos,
Christãos, para a emenda, que he o primeyro fim do Sermão; Christo Jesus
nosso Deos, & rectissimo Juiz, se ha de aproveytar dellas para a sentença, que
he o segundo fim dos Sermoens.

Este segundo fim foy hoje o que nosso Redemtor conseguiu, prégando suas
divinas Verdades ao povo Judaico. Porque perguntandolhe pela razão de seus
erros, *Quare non creditis mihi?* depoy's de lhe haver ensinado & cõfirmado a ver-
dade, *si veritatem dico vobis*; ainda que não emendou o peccado, convenceu a ma-
licia. E vendo & sabendo muyto bem, que de sua prègação não havia de resul-
tar fruyto algum, a ntes novas & repetidas offensas suas; prégou com tudo, pa-
ra justificação (a seu tempo) de sua vingança. Oh Senhor: & que grande pavor
me causa a consideração deste ponto! Já que esta doutrina vossa não ha hoje de
fazer fruyto, Senhor não sirva de aumentar o castigo. Já que este Sermão ha
de ser como senam fora, para os arrependimentos; seja tambem como senam
fora, para as contas. Já que nós o havemos por nullo para a emenda, havey-o
vós tambem por invalido para a justiça. Eu meu Deos o hey por nam prèga-
do: nós o havemos todos por nam ouvido. A vossa misericordia Senhor, reor-
remos unicamente, entre a confusam de nossas culpas; & postrados com toda
a mayor summissam diante vossa tremenda magestade, pedimos misericordioso.
Pay useis de vossa compayxam com a nossa miseria: poys para o fazerdes
assim, he mayor o vosso amor, que o nosso peccado; mayor a vossa bondade, q
toda nossa malicia. Digam no Senhor estes lutos, com que a Igreja-Esposa vos-
sa começa hoje a sentir vossa payxão. Para nos despertar a lembrança, são ho-

je estes sinaes: sejam tambem estes sinaes, para que vós tambem vos lembreis.
 Lembrayvos meu Deos de vós: lembrayvos daquelle amor, que vos obrigou
 a morrer: lembrayvos de tanto sangue, que para nos remediar & salvar despen-
 destes a tanto custo: lembrayvos daquelles tormétos excellivos, que pagaram
 o nosso resgate: lembrayvos de vossa misericordia, q he mayor que os nossos
 delittos: lembrayvos. E porque vos nam lembrareys? *Cur Domine irascitur furor
 tuus contra populum tuum, quem eduxisti de terra Aegypti in fortitudine magna, & in ma-
 nu robusta?* Porque razão (tambem meu Deos, vos hey de perguntar hum por-
 que) Porq razam se ha de irar vossa justiça contra hum povo, por tantos titu-
 los vosso? *Contra populum tuum?* Contra o vosso povo, que remistes, *Quem eduxisti
 de terra Aegypti:* que remistes com tanto amor, que remistes a tanto preço? *In
 fortitudine magna, & in manu robusta?* Oh Senhor, perdoay, perdoay ao vosso po-
 vo: *Parce Domine, parce populo tuo.* Perdoay nossas ignorancias, & parecerá ma-
 yor o vosso amor: perdoay nossas ingratidoens; & parecerá mayor a vossa
 bondade: perdoay nossa obstinação, & parecerá mayor vosso sof-
 frimento: perdoay tantos excessos, & ficará mays acre-
 ditada a vossa graça: perdoay finalmente tudo, ja que
 vos aggravâmos em tudo, & será mays en-
 grandecida a vossa gloria. *Ad quam nos per-
 ducat Dominus Omnipotens.*

LAUS DEO.



Faculdade de Filosofia
 Ciências e Letras
 Biblioteca Central